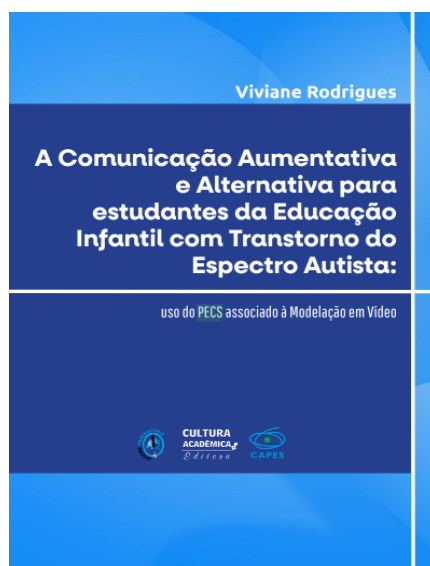


RESENHA

Iris Aparecida de Deus Probo
irisvianati@gmail.com
<http://orcid.org/0009-0009-8490-2864>
Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia de São Paulo, *campus*
Boituva (IFSP/BTV), Boituva, São
Paulo, Brasil.

Enio Freire de Paula
eniodepaula@ifsp.edu.br
<http://orcid.org/0000-0003-0395-4689>
Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia de São Paulo, *campus*
Presidente Epitácio (IFSP/PEP),
Presidente Epitácio, São Paulo, Brasil.

RODRIGUES, V. **A comunicação aumentativa e alternativa para estudantes da educação infantil com transtorno do espectro autista: uso do PECS associado à modelação em vídeo.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024.



Fonte: Rodrigues (2024)

Esta resenha emergiu da observação das dificuldades enfrentadas por estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não verbais, devido à carência de referenciais que abordassem essa temática. A resenha reporta ao conteúdo do livro que apresenta o selo Cultura Acadêmica e é vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp), *campus* de Marília (FFC/Unesp) e está disponibilizado *on-line* gratuitamente¹, o que representa benefícios significativos para os leitores interessados.

A obra intitulada *A Comunicação Aumentativa e Alternativa para estudantes da Educação Infantil com Transtorno do Espectro Autista: uso do PECS associado à Modelação em Vídeo* é fruto da tese de doutorado de Viviane Rodrigues, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Amélia Almeida, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC/Unesp. Nela encontramos os resultados de pesquisa voltada à Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) para estudantes da Educação Infantil com TEA. Com contribuições para as áreas de Educação Especial e Educação Básica, a obra destaca como o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS)², associado à modelação em vídeo, tem potencial para a promoção de avanços nas habilidades comunicativas de crianças.

Na seção intitulada *Apresentação*, a autora contextualiza sua trajetória acadêmica e profissional que valida sua expertise na área de Educação Especial. Com experiência no atendimento a crianças com baixo rendimento escolar, dificuldades de aprendizagem e necessidades específicas, a autora também atuou como professora de Educação Especial e no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Em sua jornada na área de Comunicação Aumentativa e Alternativa, começou a buscar soluções para suprir as necessidades comunicativas de estudantes com deficiência intelectual e ausência de linguagem verbal. Durante o mestrado, a autora desenvolveu intervenções com crianças com Síndrome de Down, utilizando o PECS associado à modelação em vídeo para o desenvolvimento das habilidades comunicativas. Essa experiência é o tema central desta obra.

O capítulo inicial, *Caracterização do Transtorno do Espectro Autista*, trata da evolução histórica do entendimento e da classificação do TEA, com destaque para as mudanças nas concepções diagnósticas ao longo dos últimos noventa anos. Até os anos 1970, crianças com TEA eram frequentemente diagnosticadas como esquizofrênicas, evidenciando a falta de distinção entre essas condições e refletindo o capacitismo presente na sociedade. A primeira tentativa de diferenciar o autismo da esquizofrenia infantil ocorreu com os estudos de Howard W. Potter (1933), mas foi apenas com as pesquisas de Leo Kanner (1943) e Hans Asperger (1944) que o autismo começou a ser mais bem delineado. Leo Kanner (1943) identificou um padrão específico de comportamento, incluindo dificuldades de interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, enquanto Hans Asperger (1944) descreveu características similares, mas com preservação da linguagem e habilidades cognitivas mais desenvolvidas.

A consolidação do autismo como uma entidade diagnóstica distinta ocorreu com a publicação do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-III)³, em 1980, que introduziu o termo Autismo Infantil dentro da categoria de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. Esse conceito foi refinado nas

edições subsequentes do DSM, culminando na versão DSM-V (2013), que eliminou subcategorias e unificou o diagnóstico sob o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA), com ênfase na amplitude e na variabilidade dos sintomas. A autora cita a contribuição da *Classificação Internacional de Doenças* (CID), posto que, na CID-9, o autismo ainda era considerado uma subcategoria da esquizofrenia infantil. Somente com as versões posteriores, CID-10 e CID-11, houve maior precisão diagnóstica, alinhando-se às diretrizes do DSM-V e promovendo uma abordagem mais clara e inclusiva.

O estudo destaca a evolução conceitual do TEA, passando de um conceito difuso para uma abordagem mais estruturada e cientificamente fundamentada, como reflexo dos avanços na pesquisa neurobiológica, na observação clínica e na padronização de critérios diagnósticos, de suporte e de intervenção para os indivíduos com TEA.

No segundo e no terceiro capítulo, *A Comunicação das crianças com Transtorno do Espectro Autista e As contribuições da Comunicação Aumentativa e Alternativa para as crianças com Transtorno do Espectro Autista*, articulam-se problemáticas na comunicação e a necessidade de se trabalhá-la com crianças com TEA. Já na abertura do segundo capítulo, a autora compartilha a definição de comunicação social como “a capacidade de usar a linguagem de maneira interpessoal e apropriada para influenciar as pessoas e interpretar eventos” (Olswang, Coggins e Timler, 2001, p. 53). Destaca-se que, atualmente, a comunicação de crianças com TEA perpassa a compreensão dos déficits observados no que tange à ausência de gestos típicos da infância, como apontar ou compartilhar objetos de interesse. Enquanto crianças neurotípicas utilizam a comunicação não verbal para complementar sua linguagem falada, as crianças com TEA frequentemente falham em integrar esses elementos, resultando em dificuldades na compreensão e na expressão de intenções e emoções.

O impacto da limitação comunicativa se estende além da interação social e afeta a inclusão escolar e o bem-estar emocional das crianças com TEA. Os problemas oriundos de ruídos na comunicação efetiva podem gerar frustração e contribuir para o desenvolvimento de comportamentos inadequados, como birras, agressões ou autolesões. Além disso, a dificuldade de estabelecer vínculos sociais pode levar ao isolamento e aumentar a vulnerabilidade a transtornos emocionais, como a depressão.

Isto posto, a autora apresenta a CAA como um conjunto de estratégias e ferramentas que visam suprir as limitações comunicativas de indivíduos com TEA e aponta que a fala, embora seja o meio mais comum e rápido para a comunicação, não é sempre acessível para crianças com TEA, devido ao enfrentamento de limitações na linguagem oral. Nesse contexto, a CAA se torna essencial para a interação social e o desenvolvimento de habilidades comunicativas, seja como um suporte, complemento ou, até mesmo, como o principal meio de comunicação. No aspecto conceitual da CAA, destaca-se seu papel de apoio ao desenvolvimento da linguagem e da comunicação, a partir de seus quatro componentes básicos – símbolos, recursos, técnicas e estratégias –, que oferecem uma visão explícita das opções disponíveis para cada situação, como o uso de símbolos gráficos, a linguagem de sinais ou dispositivos geradores de fala. Esses recursos são

fundamentais para proporcionar às crianças com TEA a possibilidade de expressar suas necessidades, desejos e, até mesmo, sentimentos complexos.

O quarto capítulo, *O que é a Modelação em Vídeo*, refere-se à modelação em vídeo (MV) como uma ferramenta promissora no desenvolvimento das habilidades de comunicação de crianças com TEA, especialmente nas áreas de reconhecimento emocional, habilidades sociais e comunicação (verbal e não verbal). Elas tendem a focar na área da boca, em vez de analisarem conjuntamente as expressões faciais, o que dificulta sua identificação emocional. Os resultados verificados pela autora indicam que a MV mostra uma situação contextualizada que possibilita o reconhecimento das expressões faciais, sendo recomendado para profissionais e pais como uma alternativa acessível para o ensino das habilidades não verbais e verbais, principalmente pelo baixo custo e eficiência nos resultados.

Ao tratar dos estudos que envolvem a MV com pessoas com TEA, a autora destaca, entre outros estudos, o trabalho conduzido por Chen, Lee e Lin (2016), que combinaram MV com realidade aumentada e livros de história para melhorar a atenção e o foco em dicas sociais não verbais, como as expressões faciais. Essa combinação de tecnologias aumenta as habilidades sociais de adolescentes com TEA, atraindo sua atenção para as situações emocionais e melhorando sua compreensão de expressões faciais. Complementa com o estudo de Charlop e colaboradores (2010) que, por meio da MV, observaram três crianças com autismo que aprenderam rapidamente a usar comentários verbais, entonação, gestos e expressões faciais durante interações sociais. Da mesma forma, Mason *et al.* (2012) utilizaram a MV para melhorar as habilidades de contato visual e expressão facial em dois estudantes do ensino superior com Síndrome de Asperger.

Outro estudo elencado é o trabalho de Banda e colaboradores (2010), focado no uso da MV para ensinar o uso de dispositivos geradores de fala (SGD)⁴, permitindo que crianças com TEA pedissem objetos preferidos. A MV, combinada com sistemas de comunicação aumentativa e alternativa como o PECS, mostrou-se eficaz no desenvolvimento de habilidades de comunicação, principalmente em crianças com dificuldades para expressar necessidades verbalmente. A MV também foi utilizada para problematizar habilidades sociais, como iniciar e manter uma conversa, temática presente no estudo de Tetreault e Lerman (2010), que usaram vídeos para ensinar crianças com TEA a realizar iniciações sociais (como pedir ajuda ou compartilhar brinquedos). Os resultados demonstraram que a MV ajudou as crianças a melhorarem suas habilidades de comunicação social, com alguns participantes generalizando os comportamentos aprendidos para outras situações. Em síntese, a MV tem se mostrado uma técnica eficaz e versátil no ensino de habilidades sociais e de comunicação para crianças com TEA. A combinação de MV com outras tecnologias, como a realidade aumentada e sistemas de comunicação aumentativa, também tem mostrado resultados promissores no aumento da atenção, compreensão e comunicação dessas crianças. Os estudos citados sugerem que a MV pode ser uma ferramenta valiosa no desenvolvimento de habilidades de comunicação e sociais, oferecendo uma alternativa de baixo custo e fácil implementação para educadores, terapeutas e pais.

No último capítulo, *O uso do PECS associado à Modelação em Vídeo para estudantes com TEA*, a autora apresenta a sua pesquisa, caracterizada como experimental quantitativa, com a participação de três crianças com TEA (respectivamente com quatro anos e quatro meses, seis anos e seis meses e seis anos e sete meses) que apresentavam necessidades complexas de comunicação, matriculadas em uma escola municipal de educação infantil do interior do estado de São Paulo. Também participaram do estudo os responsáveis pelas três crianças (uma tia e duas mães), quatro professoras e três estagiárias, como parceiras de comunicação. As fases da atividade de pesquisa são cuidadosamente descritas. Entre os resultados da pesquisa, evidencia-se como a articulação dessas duas abordagens (PECS e MV) pode ser eficaz para ajudar crianças com TEA a desenvolverem habilidades de comunicação.

A investigação mostra que as crianças passaram a responder de forma mais independente depois das ações desenvolvidas. Uma das descobertas mais interessantes é que, além das habilidades de comunicação previstas pelo PECS, como a troca de imagens para pedir coisas, as crianças também adquiriram outras habilidades de comunicação que não estavam diretamente no foco do estudo. Isso demonstra a flexibilidade e o potencial de aprendizado que essas metodologias podem oferecer. Consideramos como outro ponto positivo relevante a realização das atividades em ambientes naturais da criança (casa e escola), fato este que apoia nos processos de generalizar as habilidades de comunicação em diferentes contextos, consolidando a comunicação como necessária nas interações do cotidiano, não apenas durante as sessões, mas em contextos variados.

A autora também aponta os desafios evidenciados nos processos de envolvimento das famílias, das professoras e das estagiárias nos processos do estudo e reporta o quanto essa tarefa foi fundamental para o sucesso da intervenção. Isso reforça a ideia de que, para que o aprendizado seja realmente eficaz, é preciso que todos os envolvidos no processo de comunicação também se engajem ativamente. Ferramentas como o PECS, símbolos gráficos e dispositivos geradores de fala não apenas facilitam a comunicação, mas também auxiliam na aquisição da leitura e escrita. Esse é um ponto que poderia ser indicado como uma perspectiva de investigação futura, posto que a alfabetização, mediada por recursos de CAA, tem potencial para promover a inclusão, a autonomia e a participação social.

A obra tem potencial para instigar outros professores e pesquisadores a replicarem as atividades propostas com outras crianças e em diferentes faixas etárias. Além disso, a pesquisa sugere que a modelação em vídeo pode ser explorada ainda mais, não só no PECS, mas também combinada com outras formas de comunicação aumentativa, como um recurso valioso para ajudar pessoas com TEA. Uma interessante leitura, independentemente do nível de conhecimento do leitor a respeito da temática, uma obra que delineia reflexões importantes.

NOTAS

- ¹ A obra está disponível no site:
https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/514.
- ² Acróstico de *Picture Exchange Communication System*.
- ³ Acróstico de *Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders*.
- ⁴ Acróstico de *Speech Generating Device*.

REFERÊNCIAS

- BALANDIN, S. Message from the President. The ISAAC Bulletin, 67, 2, 2002. BANDA, D.R. et al. Video modelling interventions to teach spontaneous requesting using AAC devices to individuals with autism: a preliminary investigation. **Disability and Rehabilitation**, v. 32, n. 16, p. 1364–137, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.3109/09638280903551525>. Acesso em: 05 fev. 2025.
- CHARLOP, M.H. et al. Teaching socially expressive behaviors to children with autism through video modeling. **Education and Treatment of Children**, v 33, 371-393, 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42900075>. Acesso em: 05 fev. 2025.
- CHEN, C.; LEE, I.; LIN, L. Augmented reality-based video-modeling storybook of nonverbal facial cues for children with autism spectrum disorder to improve their perceptions and judgments of facial expressions and emotions. **Computers in Human Behavior**, v. 55, p. 477-485, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.09.033>. Acesso em: 05 mar. 2025.
- OLSWANG, L.; COGGINS, T.; TIMLER, G. Outcome measures for school-age children with social communication problems. **Topics in Language Disorders**, v. 22, p.50-73, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1097/00011363-200111000-00006>. Acesso em: 05 mar. 2025.
- MASON, R.A. et al. Effects of video modeling on communicative social skills of college students with asperger syndrome. **Developmental Neurorehabilitation**, v. 15, n. 6, p. 425-434, 2012. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10882-016-9484-2>. Acesso em: 05 mar. 2025.
- RODRIGUES, V. **A comunicação aumentativa e alternativa para estudantes da educação infantil com transtorno do espectro autista**: uso do PECS associado à modelação em vídeo. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024.
- TETREAULT, A.S.; LERMAN, D.C. Teaching social skills to children with autism using point-of-view video modeling. **Education and Treatment of Children**, v. 33, p. 395-419, 2010. Disponível em: <https://www.behaviorpedia.com/wp-content/uploads/2013/01/ETC-2010-Social-Skills-via-POVmodels.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Recebido: 01 mai. 2025

Aprovado: 06 mai. 2025

DOI: 10.3895/rtr.v11n0.20208

Como citar: PROBO, I. A. D.; PAULA, E. F. Resenha: RODRIGUES, V. A comunicação aumentativa e alternativa para estudantes da educação infantil com transtorno do espectro autista: uso do PECS associado à modelação em vídeo. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. **Revista Transmutare**. Curitiba, v. 11, e20208, p. 1-7, 2026. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Enio Freire de Paula

eniodepaula@ifsp.edu.br

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

